



MENINA, HOMEM, DOMINGOS

Volto, como antigamente, a esta grande casa amiga, na noite de domingo. Recuso, com o mesmo sorriso, a batida que a môça da casa me oferece, e tomo a mesma cachacinha de sempre. A môça é a mesma, a cachaça é a mesma, a casa, eu... E tantas vezes vim aqui que não tomo consciência das coisas que mudaram.

Sento-me, por acaso, ao lado de uma jovem senhora, amiga da família, e a conversa é tranqüila e morna. Mas de repente, a propósito de alguma coisa, ela diz que se lembra de mim há muito tempo. "Você vinha às vezes jantar, sempre assim, de paletó e sem gravata. Sentava calado, com a cara meio triste, um ar sério. Eu me lembro muito bem. Eu tinha seis anos..."

Seis anos! Certamente não me lembro dessa menina de seis anos; a casa sempre esteve cheia de meninas e mocinhas, há pessoas que eu conheço de muitos domingos através de muitos anos, e das quais nem sequer sei o nome. Pessoas que para mim fazem parte desta casa e desses domingos; as que sempre, as que não voltam, se perdem na minha lembrança, e nem sequer consigo imaginá-las vivendo uma vida própria e cotidiana: para mim existiram apenas aos domingos, visitando esta casa. A primeira recordação que tenho dessa jovem é de uma adolescente que às vezes dançava no jardim. Era certamente linda; mas não creio que tivéssemos trocado, através dos anos, mais de duas ou três frases ocasionais. Sempre tive a vaga impressão de que, por algum motivo imponderável, ela não simpatizasse comigo. Só agora me dou conta de que a vi crescer, terei sido uma distraída testemunha de seus "flirts", seu namoro; lembro-me de seu noivado, lembro-me quando se casou,

sei que hoje, ainda tão môça, tem dois filhos — e a maternidade veio definir melhor sua radiosa beleza juvenil. Inútilmente procuro reconstituir a menina de seis anos que me olhava na mesa, e me achava triste. E não faço a menor idéia do que ela soube ou viu a meu respeito durante esses inumeráveis domingos. Certamente fui sempre, para ela, uma figura constante, mas vaga — um senhor feio e quieto que ela se acostumou a ver distraidamente de vez em quando — às vezes com um ano ou mais de intervalo, que viaja e reaparece com a mesma cara e o mesmo jeito. Tomo consciência de que é a primeira vez que conversamos os dois, ao fim de 13 ou 15 anos de vãos "boa noite" e "como vai?", mas nossa conversa tranqüila e trivial me emociona de repente quando ela diz: "eu tinha seis anos..."

Penso em tudo o que vivi nestes 13 ou 15 anos — tanta coisa tão intensa que veio e foi — e penso na casa, no dono da casa, na família, na gente que passou por aqui. A casa não é mais a mesma, a casa não é mais casa, é um grande navio que vai singrando o tempo, que vai embarcando e desembarcando gente no porto de cada domingo: dentro em pouco outra menina de seis anos, filha dessa menina, estará sentada na mesma sala, sob a mesma lâmpada, e com seus dois olhinhos pretos verá o mesmo senhor calado, de cara triste — o mesmo senhor que numa noite de domingo, sem o saber, se despedirá para sempre e irá para o remoto país onde encontrará outras sombras queridas ou indiferentes que aqui viveram também suas noites de domingo — e que não voltarão mais.

R. B.

Rubem Braga

DESENHOS DE CARLOS THIRÉ

GENTE DA CIDADE



Juca Chaves
do Juca's

José Ferreira de Castro Chaves vem da nobreza rural pernambucana (barões de Gravatá) e nasceu em um engenho que tem o nome bastante inesperado de Venus, e fica em Água Preta. Teve a boa infância de todo menino de engenho e foi estudar no Recife, onde terminou o ginásio, depois de um ano em Petrópolis. Formou-se em engenharia na Politécnica do Rio, onde um de seus colegas de turma foi o atual dom Inácio, beneditino, filho do embaixador Acióli.

Formado, voltou para o engenho, onde fez uma barragem e outras obras, e foi depois trabalhar em Belo Horizonte, na Empresa de Construções Gerais. Ali deu duro no ofício, ergueu um dos primeiros arranha-céus locais (o Edifício Capixaba), ajudou a abrir novos bairros, espalhou-se um pouco por Minas: serviço de água em Sabará, canalização em Gorceix, um Hospital e as primeiras casas de tijolo de Calado, no Rio Doce.

Vem depois para o Rio e trabalha nos Bancários, onde Carlos Leão é Diretor de Aplicação, e é engenheiro-chefe. Funciona em obras várias e grandes no Rio, em S. Paulo, Pernambuco, Porto Alegre, mas depois de três anos abandona o Instituto e volta para a empresa, que hoje é sua; a certa altura tem quinze edifícios em construção e 1.200 operários. Estamos na fase mais quente da corrida imobiliária carioca, Juca levanta por exemplo o Ed. Araken, no Leme, o Avenida 25, o Arsenal de Guerra, o Frigorífico de Frutas, blocos de concreto armado por toda a cidade, e ainda fura túneis, abre estradas e lança pontes para a Central em S. Paulo. Fala, entretanto, com melancolia do ofício de construtor: "não adianta v. fazer uma organização industrial perfeita, apaixonar-se pelo trabalho em todos os seus detalhes, ser exigente e minucioso... as concorrências são ganhas por fatores estranhos, os pagamentos arbitrados quase sempre por camaradagem ou "bola"... o que vale não é o seu serviço real, é sua simpatia, são suas relações ou, ainda mais triste, sua capacidade de subornar... o construtor é um homem que está sempre de chapéu na mão".

Hoje sua empresa constrói menos; Juca além disso é "usineiro a força", pois recebeu uma usina em pagamento, em Cambuci, Estado do Rio; e esse homem de uma antiga linhagem açucareira conta: "eu preferia ter três Juca's Bar a ter uma usina...". Sua senhora, Consuelo (Caldas, de Pernambuco) não quer que ele seja dono de bares. O Juca's, que é o melhor bar da cidade, aconteceu pelo fato de ser ele, Juca, o construtor do Hotel Ambassador; como hotel costuma ter bar, ele teve a fantasia de fazer um, em sociedade com o irmão Mário e o dono do hotel, Márcio de Melo Franco Alves. Queriam era um lugar em que pudessem beber sem perigo de uísque falsificado — e entretanto deu certo como negócio, apesar das grandes mesas que às vezes os próprios donos pagam para os fregueses amigos.

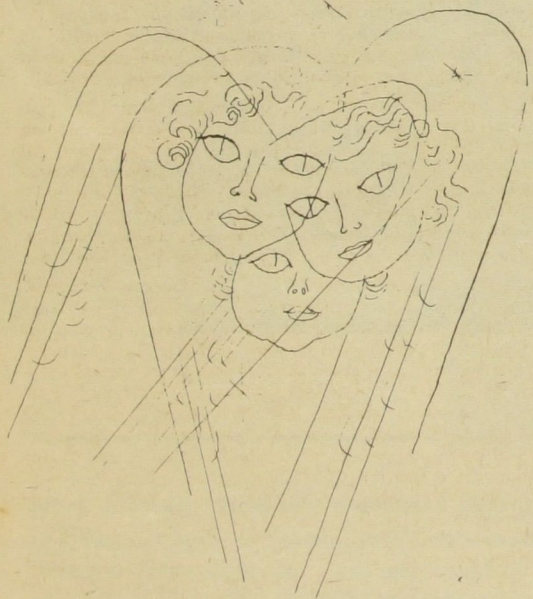
O que o entusiasma atualmente é a fábrica de papel que está ampliando em Nova Iguaçu, mas seu plano mais querido é se tornar quitandeiro. A história é que ele tem um sítio (com rédes brancas, solar antigo, piscina, cachoeira e caçadas de paca) em São José do Rio Preto, município de Petrópolis; a idéia é comprar mais terra por ali, plantar verduras, legumes, frutas, transportar ele mesmo para o Rio, vender numa quitandinha que montaria em Ipanema, ao lado de um bellissimo prédio que está construindo (projeto de Sérgio Bernardes) na Barão da Torre, atrás da praça general Osório, em centro de amplo terreno.

Juca tem quatro irmãos homens: Antiógenes, grande advogado e grande industrial em Pernambuco; Eurico, juiz; Nelson, professor de Fisiologia e diretor do Instituto Alvaro Osório e Mário, industrial; e duas irmãs, Dulce e Carmem. Tem uma filha mocinha, Vera Lúcia, e dois rapazes, Eduardo Henrique e Luis Otávio; mas seu amplo apartamento na Gomes Carneiro está sempre cheio de gente da família, conterrâneos e amigos, e guarda o ar patriarcal do engenho, com a enorme cozinha cheia de negras, os pratos imensos, o "Consuelo's Bar" muito bem equipado.

Já remou no Náutico, do Recife, e fez atletismo no Flamengo, do Rio; continua rubro-negro. Gosta de andar a cavalo, já sofreu vários desastres, acha que a coisa que mais atrapalha o Rio é o Código de Obras ("na Avenida Atlântica o construtor de um prédio de dez andares tem o direito de fazer mais três desde que sejam recuados da rua, para não atrapalhar a insolação do edifício em frente que fica... na África!") acha que o melhor técnico de futebol no momento é do América, gosta de beber com muitos amigos e especialmente com Cicero Dias, não gosta de viajar e diz que sobre muitas outras coisas da vida adotou a filosofia de um prêto que jogava futebol em um time que ele improvisou nos cafundós do vale do Rio Doce, e a quem ele repreendeu por não ter corrido atrás da bola e assim permitido que o extrema adversário marcasse um ponto: "olhe, dotô, percurá a bola eu não percurô não, mas se ela passá por aqui, leva!"

R. B. :

A POESIA É NECESSÁRIA



ANUNCIAÇÃO

MARIA DA SILVA BRITO

São os filhos o equívoco do amor.

*Gerados anjos, anjos nascem
e por anjos passam. Não fôra o tempo
e não fôra a vida e anjos seriam.*

*Deixá-los anjos, apenas pressentidos,
no aconchego dos ventres. Deixá-los
livres, mitos da materna gruta.*

São os filhos o equívoco do amor.

Soirée

IBRAHIM SUED



O sr. e sra. Alvaro Ferraz, a srta. Lúcia Mauriti e o sr. Poly Lerena, em uma noite elegante.

- **A TARDE COMEÇOU** na piscina do Copa. Encontro o jovem paulista Alberto do Amaral Sampaio, que me fala entusiasmadamente do seu casamento com a senhorita Putz Gualberto de Oliveira, filha do embaixador do Brasil no Líbano e sra. Francisco Gualberto de Oliveira. O casamento será naquele país, no dia 28 de fevereiro. A pérgola estava movimentada. Osvaldo Vidigal está triste. Parece infeliz nos amores. Joel Monteiro lidera um grupo: Carlos Niemeyer, Máriozinho de Oliveira, Cássio França, Eduardo Crame (Tody) e Vadinho Dolabela — estavam todos a caminho de um "Caju Amigo" que o amigo Carlos Peixoto estava oferecendo para homenagear este colonista.
- **NO BIFE DE OURO:** Arthur Bernardes Filho (um dos dez homens mais elegantes de 1954), almoçava com o senador Draut Ernani. No dia seguinte, aquela mesma mesa foi ocupada pelo Paraná. Seu governador, sr. Munhoz da Rocha, o Ministro Aramis Ataíde e o sr. Adolfo de Oliveira. Noto que o sr. Otávio Guinle (também da lista dos dez homens mais elegantes de 54) está ausente. E' a temporada de veraneio: Teresópolis com

a família. Recebo um telefonema. E' Franzio e Gilda Sales, um dos mais amáveis casais que conheço, me convidando para um almoço com banho de piscina em "River Side". Eles recebiam amigos nesse ensolarado domingo de Petrópolis.

- **À NOITE**, roupa escura: Fui participar de um pequeno jantar que o sr. e sra. Jorge Guinle ofereceram em honra do Senador Assis Chateaubriand, no "Vogue". Estavam presentes: Sr. e sra. Eugênio Lage. Sr. e sra. Walder Sarmanho. Sr. João Calmon. A bonita Nicole Hime e os paulistas, senhora Roberto Ferreira e sr. Netinho Cunha Bueno. Silvio Caldas e Elizete Cardoso estão fazendo o "show". E' o sucesso das noites de carnaval no Rio.
- **NO DIA SEGUINTE**, abro minha correspondência internacional. A viúva Mona Williams, uma das mulheres mais elegantes do mundo, é uma das líderes da sociedade de New York, casase com o Conde de Bismarck. Em Paris, a viúva Jacques Fath anda de par constante com o Duque de Cadaval e a nossa muito conhecida Mimi Ouro Preto participa seu noivado com o Conde D'Arcagnes. O casamento será em abril, em Biarritz. Sua tia, a sra. Maria Eugênia Celso, está feliz.
- **NOTÍCIAS RÁPIDAS:** A srta. Cristina Pombeiro recebeu em sua residência de veraneio, Petrópolis. Piscina e almoço. Nos fins de semana, Petrópolis, está em plena temporada. A Princesa Dona Fátima e o Príncipe Dom João de Orléans e Bragança, em sua residência, têm recebido grupos, para bate-papo e joguinho. Por outro lado, Cabo Frio movimentase com muita elegância. Os casais César Melo Cunha (ele é um dos dez homens mais elegantes de 1954), Joaquim Guilherme da Silveira, Alberto Proença de Faria, Alvaro Catão são os mais assíduos. E até o casal mais elegantes do Brasil, sr. e sra. Didú Sousa Campos, esteve em Cabo Frio.
- **E HOJE E' SO'** — Antes, porém, devo informar a vocês que fui procurado por uma parenta da dama de preto, que me fez patéticos apelos, para não revelar a sua identidade. Que é que vocês acham?



Durante um jantar, em 1.º plano, a srta. Marilú Monte Negro e o sr. Alberto Proença de Faria.